

# Governo só sabe de 20% do ouro que a Amazônia produz

Oscar Valporto

A produção oficial de ouro em 1986 foi de 24 toneladas — 10t produzidas pelas empresas mineradoras e 14t pelos garimpos. Desde que o dado foi divulgado, técnicos do Governo, de diversas áreas, vêm tentando descobrir a produção real de ouro e a quantidade de minério desviado para o mercado paralelo, fora do controle do Estado. Os cálculos variam entre 60 e 100 toneladas de ouro, e essa variação mostra o total descontrolo do Governo sobre a produção e o comércio do ouro extraído pela garimpagem, a principal causa do sumiço de todo esse minério das contas governamentais.

Pelos dados da União das Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal, a produção dos garimpos em 1986 foi de 96 toneladas. O ouro sai dos garimpos, passa para os pequenos comerciantes de cidades das províncias auríferas e acaba nos cofres de uma dúzia de grandes empresas de ouro no Rio e em São Paulo. Como a produção oficial é calculada com base nas notas de compra e venda, no caminho entre os garimpos da selva e as metrópoles desapareceram ano passado 82 toneladas de ouro, vendido sem nota para driblar o Imposto Único sobre Minerais, o Imposto de Renda, o PIS e o Finsocial, que incidem sobre o comércio.

Longe dos tentáculos do polvo estatal, esse ouro tem vários destinos. Parte dele fica no país como reserva de grandes empresas, atraídas pela estabilidade do minério no mercado e pela sua liquidez imediata. Comprada em cruzados, a outra parte do ouro sai do país em rotas variadas a partir de São Paulo, onde funcionam os principais bancos e empresas do mercado de ouro. O ouro brasileiro vira artigo de exportação do Uruguai, viaja até os Estados Unidos, para voltar como dólar para ser trocado no mercado paralelo, e ajuda até nos esforços de guerra de Israel.

## Descontrole

A maior parte do ouro brasileiro é produzido nos mais de 600 garimpos espalhados pela Amazônia. A maior parte deles fica no meio da floresta e nunca foi visitada por um funcionário do governo. Dos garimpos, o ouro é levado de avião para cidades como Itaituba — oeste do Pará, às margens do rio Tapajós — onde ficam os centros regionais do comércio do minério. No aeroporto de Itaituba, uma cidade de 75 mil habitantes, pousam diariamente mais de 300 aviões pequenos: um movimento maior do que o do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro. Apesar do movimento, a torre de controle do aeroporto — por onde passa tanto ouro — não funciona.

No comércio, o controle também não existe.

É nas ruas de cidades como Itaituba que o ouro começa a sumir das vistas do Governo quando, ao contrário, deveria começar a aparecer nas suas contas. Teoricamente, o ouro só pode ser vendido, em sua primeira fase, por um garimpeiro com carteira expedida pela Receita Federal a um dos 12 mil 800 vendedores autorizados pelo Ministério da Fazenda.

Na prática, em Itaituba, o ouro vale como moeda. Muitas vezes, o garimpeiro usa ouro para comprar equipamentos, eletrodomésticos e roupas. As lojas da cidade e até o hospital guardam balanças para pesar ouro, na eventualidade de o garimpeiro não ter dinheiro vivo. No garimpo, ninguém usa cheque. A troca do ouro pela mercadoria é ilegal, porque esses comerciantes não estão autorizados a negociar com minério e não emitem nota.

— É uma coisa comum em Itaituba o dinheiro simplesmente acabar. Vem muito ouro para a cidade, o comércio de ouro não tem cruzado em caixa para comprar tudo e muitos garimpeiros não conseguem vender — conta o comerciante Jorge Ramos.

## Crítério de preço

Na semana passada, enquanto o grama de ouro valia em torno de Cz\$ 435 nos mercados do Rio e São Paulo, em Itaituba as lojas de ouro pagavam cerca de Cz\$ 365 pelo grama. Esse preço varia de acordo com o teor de pureza do ouro extraído no garimpo e são os próprios comerciantes que avaliam o teor do minério.

A falta de dinheiro e a avaliação do teor são dois dos problemas enfrentados pelas agências da Caixa Econômica Federal, que funcionam nessas cidades e são responsáveis pela compra de ouro do Governo. Enquanto nas lojas especializadas na compra de ouro o acompanhamento da variação da cotação do ouro é feito por hora, na CEF o preço só muda de um dia para outro. Quando há uma alta do ouro, a Caixa demora a fixar o novo preço e os garimpeiros vendem na loja. Quando o preço cai, vai todo mundo vender na agência da CEF, que fica sem dinheiro.

— E a Caixa não entende nada de ouro — dizem os garimpeiros, numa reclamação muito comum na região. Os funcionários da Caixa nem sempre estão preparados para avaliar o teor de pureza do ouro e, na dúvida, oferecem preços menores que o resto do mercado, e o garimpeiro acaba preferindo as lojas.

Nem mesmo com o Governo fora do negócio, os comerciantes da região ficam com o mercado só para si. Muitas empresas mandam funcionários até a Amazônia para comprar ouro como investimento, fugindo do

## O ouro sai da selva para o Uruguai e sobe de cotação quando Israel vai à guerra

Maués (AM) — Fotos de Luiz Morier



preço das empresas que negociam ouro nos grandes centros. Em Itaituba ou nos próprios garimpos, eles compram quilos do minério, sem nota, para servir de reserva da empresa em anos de incerteza como o do Plano Cruzado.

— Geralmente, eles vêm para cá com pastas e pastas de dinheiro e saem atrás de ouro em qualquer canto da Amazônia. Eu já fui abordado até na rua. Nessa luta aí, de vez em quando cai um avião aí na selva cheio de dinheiro — conta, em Itaituba, o garimpeiro José Carlos Mendonça.

## Guerra ajuda

O desvio do ouro não é feito só por gente de fora. Os comerciantes de ouro de Itaituba — são 129 lojas autorizadas — deixam de tirar nota em muitas das operações que fazem com ouro. Não só de Itaituba, como de todas as cidades que centralizam o comércio. Na semana passada, tanto em Itaituba, no Pará, quanto em Alto Floresta, em Mato Grosso, o garimpeiro ganhava Cz\$ 10 a mais por grama se vendesse o ouro sem a nota de recibo.

A razão do desvio é a tributação do ouro. Na primeira venda — do garimpeiro para o comerciante — há somente a incidência do Imposto Único sobre Minerais (IUM), de 1% sobre o valor. Nas transações seguintes do comerciante, há um desconto de 1,25% para o PIS e o Finsocial e o desconto do infalível Imposto de Renda.

Com ou sem nota, o ouro produzido na Amazônia vai alimentar o mercado do Rio e, principalmente, São Paulo. As lojas das pequenas capitais das províncias auríferas revendem ou, muitas vezes, repassam simplesmente o ouro para empresas maiores, como a Goldmine, a Marsan, a Metamil, a Goldbrax, a Purimil — algumas delas com seus próprios representantes na Amazônia.

Foi em viagens assim dos movimentados aeroportos (como o de Itaituba) para o Sudeste do Brasil, que 82 toneladas sumiram das vistas do Governo. Parte desse ouro teve como destino o Uruguai, que tem uma constante exportação e produção de ouro, apesar de não ter nem uma mina — e muito menos garimpo — funcionando. Em 1985, o Uruguai exportou 29 toneladas de ouro — brasileiro, provavelmente. Há pelo menos um famoso banco — todo mundo sabe, mas ninguém prova — que usa esse expediente para vender ouro comprado irregularmente.

A outra rota do desvio do ouro começa no Rio ou São Paulo, vai até Los Angeles ou Miami, nos Estados Unidos, e volta. Esta rota é também utilizada por grandes empresas que levam seu ouro para ser vendido em dólar fora do Brasil e, na volta, o

dólar vira cruzado no câmbio paralelo.

— Aqui na Amazônia, nós somos os primeiros a saber que há guerra iminente em Israel, porque os judeus brasileiros começam a aparecer aqui para comprar ouro. Como é difícil mandar dinheiro para Israel, eles preferem comprar ouro para ajudar no esforço de guerra — conta José Altino Machado, presidente da União das Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal.

## Restringir a venda

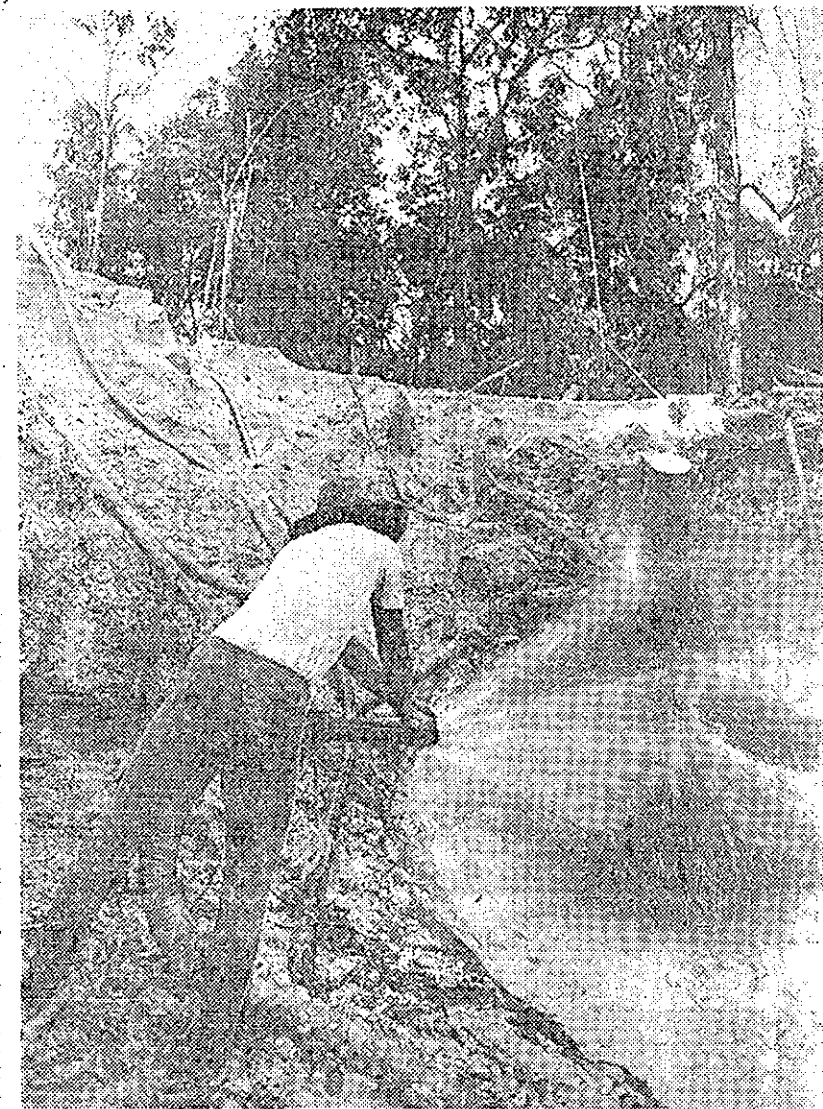
Altino é um dos mais irritados com as constantes queixas do Governo, principalmente do diretor-geral do DNP (Departamento Nacional de Produção Mineral), José Belfort Bastos — sobre o “contrabando” do ouro extraído nos garimpos. O líder sindical garante que o Governo não controla a produção porque não quer.

— O DNP não pode ir aos garimpos, porque quer entregar o ouro da Amazônia às grandes empresas mineradoras, inclusive às multinacionais. A intervenção do DNP é sempre contra os garimpeiros — critica Altino, sócio de garimpos e dono de uma empresa de táxi-aéreo em Manaus.

Representando quatro sindicatos e 12 associações de garimpeiros da Amazônia, José Altino Machado garante que se o ouro é desviado, o culpado não deve ser procurado nos garimpos. “O Governo autoriza quase 13 mil empresas a comerciar com ouro e é claro que não consegue controlar o comércio. A compra do ouro deveria ser restrita à rede bancária autorizada, pública e privada”, sugere Altino.

A sugestão de Altino é refutada por Elson Rohnet, dono da Goldmazon, única compradora de ouro com sede em Manaus, para quem os problemas do ouro não estão no comércio. “O ouro não desaparece. Ele está no Brasil para o enriquecimento interno de grandes grupos que não aparecem. Se o Governo não sabe onde está o ouro, basta administrar a produção a partir dos garimpos para descobrir. Se em cada garimpo houvesse um funcionário do Governo, o ouro não sumia”, diz Rohnet.

Altino e Rohnet concordam, entretanto, que o Governo deveria suspender a tributação sobre o ouro. “O ouro deve parar de ser tratado como mercadoria e ser considerado um ativo financeiro”, propõe o líder dos garimpeiros. A isenção total de impostos também é defendida pelo advogado Clóvis Ferro Costa, um especialista em mineração que participou da Comissão Afonso Arinos. Ferro Costa defende ainda uma ação do Governo nas áreas do garimpo, para dar assistência técnica e econômica aos garimpeiros e impedir os descaminhos do ouro.



Jato d'água desmonta barranco e desfaz areia com ouro

UMA pista de pouso de terra e lama, com não mais de 500 metros de comprimento. Em torno de pistas assim, está estabelecida a maioria dos 650 garimpos da Amazônia, responsáveis por quase toda a produção de ouro no Brasil e por grande parte da extração de outros minerais. Na chamada Amazônia Legal — Norte de Mato Grosso, Oeste do Maranhão, os estados do Pará, Amazonas, Acre e Rondônia e os territórios de Roraima e Acre — estão hoje mais de 600 mil garimpeiros, que vivem à margem do Governo.

São 3 milhões 500 mil pessoas que fazem parte da sociedade comercial da extração mineral que é a garimpagem. As cidades intircas como Santarém, Itaituba, Macapá, Porto Velho e que dependem completamente das atividades econômicas voltadas para o garimpo — afirma o geólogo Antônio Feijão, de 31 anos, assessor da União das Associações de Garimpeiros da Amazônia Legal.

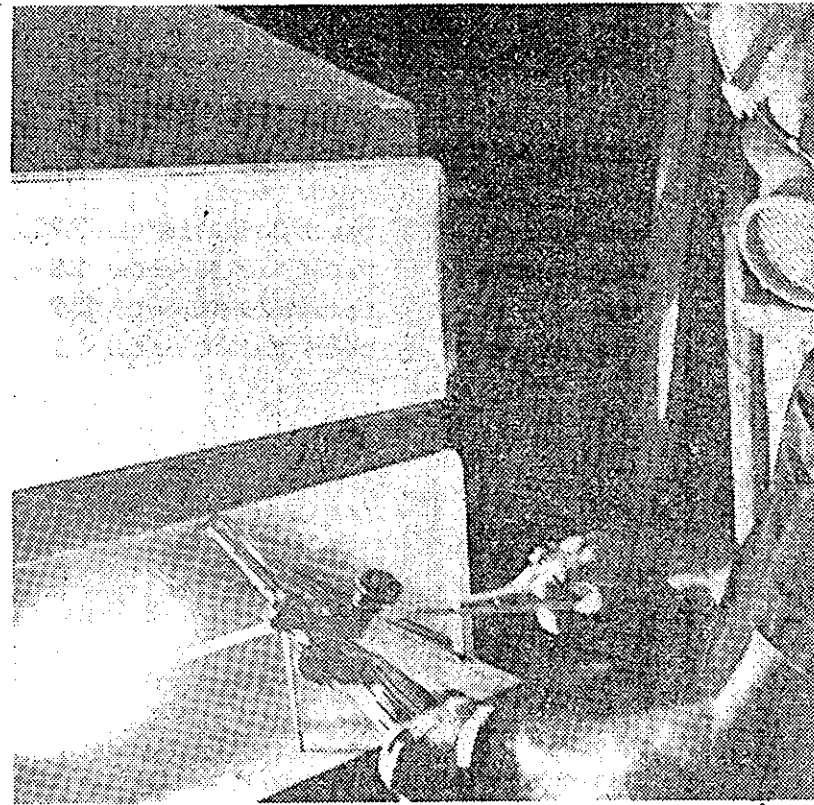
## Homens e máquinas

Nos cálculos de Feijão, a garimpagem produz — “com custo zero para a

nação” — de US\$ 1,6 bilhão a US\$ 2 bilhões em ouro por ano e mobiliza em torno de 600 aviões e 1 mil 500 barcos e voadeiras. “A verdade é que na Amazônia somente os garimpeiros conseguem bons resultados na extração de ouro”, garante Feijão, mostrando o exemplo do Rosa de Maio, um garimpo à beira dos igarapés de um afluente do Tapajós, no Sudoeste do Amazonas. A área foi ocupada por uma mineradora que durante um ano e meio só conseguiu extrair 18 quilos de ouro. Hoje, 650 garimpeiros retiram dos aluviões do Rosa de Maio cerca de uma tonelada de ouro por ano.

Do alto, o garimpo é uma sucessão de clareiras. Na primeira, ao lado da pista de pouso, está a currutela — nome dado ao centro econômico do garimpo. Ali, funcionam uma cantina, onde se vendem bebidas, cigarros e outros pequenos luxos, um depósito, duas lanchonetes, uma boate, um alojamento para as 30 prostitutas do Rosa de Maio e outro para o pessoal que trabalha na administração. Tudo feito rústicamente de madeira.

Nas outras clareiras — que ficam de três a 10 quilômetros da pista — traba-



O mercúrio aglutina o ouro e se evapora no maçarico

## Garimpos abrigam mais de 600 mil que querem ver Governo bem longe

ham os garimpeiros que vivem em cabanas de palha no meio da floresta. Eles derrubam as árvores em regiões próximas aos igarapés até chegar à cobertura de areia do solo da Amazônia e colocam as máquinas para funcionar. Praticamente, todos os garimpos são mecanizados. Hoje, funcionam na floresta 18 mil máquinas para a garimpagem.

Cada máquina é composta, na verdade, de duas bombas, e serve para um grupo de cinco ou seis garimpeiros. De uma bomba de alta pressão, vem a água das mangueiras que os garimpeiros usam para desmontar os barrancos onde o ouro está escondido. No desmonte, essa mistura de água, areia e impurezas é recolhida por uma bomba de sucção, uma verdadeira draga — bomba de cascalho, para os garimpeiros — que joga tudo na caixa concentradora, onde uma tela de arame e uma estopa de juta começam a separar o ouro.

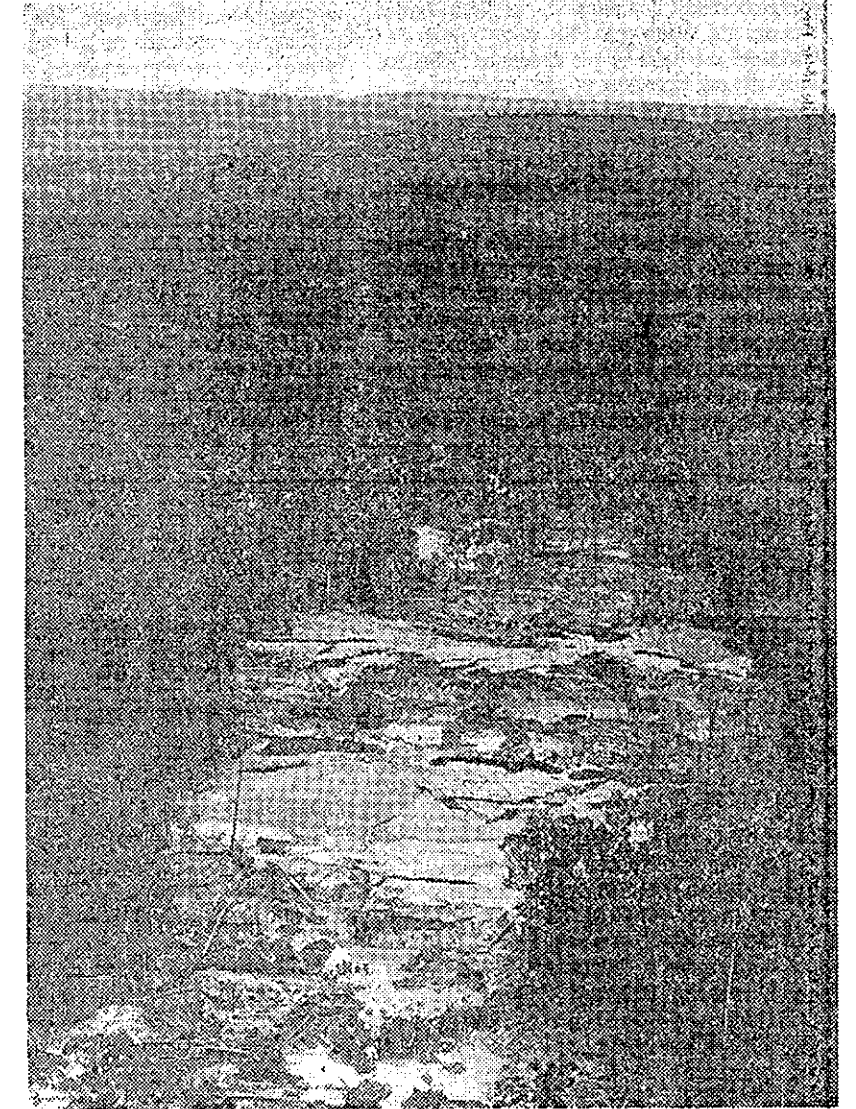
Quando sai da caixa, ainda misturado com muita areia, o ouro começa a ser trabalhado manualmente. Primeiro, o garimpeiro usa a bateia — a espécie de cuia que sempre caracterizou a garimpagem à

beira dos rios — para eliminar ainda mais as impurezas. Na bateia, o ouro aparece brilhando ao sol em dezenas de minúsculas partículas. Para juntá-las, o garimpeiro mistura o material com mercúrio num balde de plástico. Após uma nova lavagem no balde, as pequenas peças de mercúrio e ouro estão formadas e são levadas para a currutela, onde o garimpeiro usa um maçarico para queimar o mercúrio, que evapora a 300 graus, e ficar só com o ouro.

## Vida melhor

Cada barranco aberto pelas mangueiras no Rosa de Maio pode produzir até dois quilos de ouro. Apesar de a maior parte dos lucros ficarem para o financiador do garimpo — responsável pela pista, pelos aviões, pelas máquinas, pelo fornecimento de comida — um garimpeiro pode faturar Cz\$ 100 mil mensalmente. Apesar de morarem na selva sem nenhum conforto e passarem o dia sujos de lama, os garimpeiros — todos analfabetos ou semi-analfabetos — não reclamam.

— Com o dinheiro da garimpagem,



Garimpos são clareiras que iluminam o verde da selva

já deu para comprar uma casa, casar e ir comprando algumas coisas para mim. Quando é que eu poderia ter isso em outro lugar? O Governo não vai pagar isso — diz o maranhense Geovan Soares Pessoa, o Gado, revelando a satisfação pelo trabalho independente e o desprezo pelo “Governo do Brasil”, como os garimpeiros costumam tratar qualquer autoridade.

Os garimpeiros vivem mesmo totalmente à margem do Governo. Não têm carteira assinada, não descontam para a Previdência Social e não pagam impostos. Com o dinheiro da garimpagem, eles compram casa, sustentam a família e mandam fazer pulseiras, cordões e dentes de ouro. Parte dos lucros eles gastam no próprio garimpo, onde um maço de Carlton custa Cz\$ 80, uma lata de cerveja, Cz\$ 50, e uma noite com uma prostituta, Cz\$ 700. Os mais ambiciosos economizam para comprar terra e, principalmente, máquinas de garimpagem. O sonho de muitos é ser como o Zezão.

Ex-garimpeiro, analfabeto, Zezão — apelido ligeiramente estranho para quem

se chama Francisco Moreira da Silva — enriqueceu com o ouro e hoje é dono de metade das máquinas do Rosa de Maio. Como em todos os garimpos da Amazônia, o dono das máquinas dá aos garimpeiros comida, transporte, combustível para os equipamentos e toda a infraestrutura na selva, mas fica com 70% da produção.

No Rosa de Maio, onde passa a maior parte do tempo, Zezão é quase um xerife. Resolve disputas, mantém a ordem e, quando assume a arbitragem das pedradas dominicais para não deixar seu time perder, ninguém contesta suas decisões, rigorosamente parciais. O resto do tempo, Zezão gasta em Itaituba, no Pará, onde vive sua família e ele vende seu ouro. Nas ruas da cidade, todos conhecem o garimpeiro alto, que carrega quase um quilo de ouro em suas duas pulseiras, relógio e cordão, e leva na bolsa pelo menos Cz\$ 10 mil em dinheiro. Desconfiado e analfabeto, Zezão não guarda dinheiro no banco e não gosta de falar sobre os problemas do ouro.

— O Governo do Brasil aqui na Amazônia só aparece para atrapalhar.